

Brasília já exporta hortigranjeiros

○ Núcleo Rural da Vargem-Bonita forma um dos cinturões verdes da face oculta de Brasília escondida no cerrado. Num trabalho que começa cedo, antes das duas da madrugada, dezenas de caminhões saem todos os dias completamente lotados de hortigranjeiros para abastecer a Ceasa. O volume de produção cresceu tanto, nos últimos anos, que, segundo os produtores, outros centros, como Goiás e Minas, passaram a importar produtos de Brasília.

Das folhagens, as mais cultivadas são alface, couve-flor e repolho, por darem mais rendimentos aos que vivem da terra naquela região. Ano passado, Shinichi Ikakiri, 46 anos, há 13 anos no núcleo, chegou a lançar no mercado cerca de 10 mil caixas de alface, o que lhe proporcionou um bom retorno financeiro. No momento, ele prepara para lançar em suas terras as sementes da batata inglesa, que, nesta época, começa a ser plantada por quase todos que moram lá.

DIFÍCIL

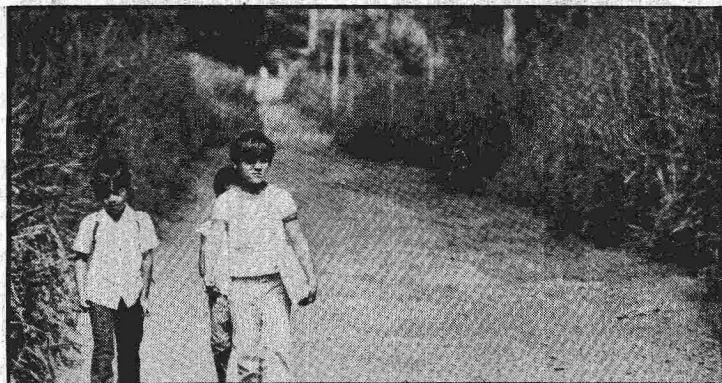
“Seu” Ikakiri faz da chácara um sacerdócio. Casado, pai de sete filhos, alguns cursando nível superior em Brasília, não tem hora para trabalhar. Nos dias de comercialização quase não dorme. Depois de um dia inteiro no campo, recolhe-se ao leito às 22 horas e antes das duas da madrugada já está no volante do caminhão levando sua produção para a Ceasa.

“Nessa vida é difícil”, resume Ikakiri meio desconfiado. De uma coisa a comunidade japonesa não gosta: falar de rendimentos na chácara. Contra isso, se faz até de mau entendedor. Além dos filhos que o ajudam bastante, Ikakiri conta, também, com a colaboração de sete empregados.

Não é fácil, entre tantos japoneses, encontrar um brasileiro nas terras da Vargem Bonita. Em busca disso anda-se léguas até se deparar com a chácara 37-A, de Antônio Oliveira da Sil-



Na Vargem Bonita não existe tempo para descanso



As crianças vão à escola, mas ajudam os pais na lavoura

va, cearense radicado na área há 17 anos, onde constituiu uma enorme família, superior a 20 filhos.

Fazendo a “rapa” da cebola retirada dos quatro hectares que explora, um dos filhos de “Seu” Antônio, “Toinho”, fala das mudanças de vida depois que deixou o Ceará, para onde diz não ter a menor vontade de voltar. “Aqui a gente tá bem. Planta e colhe de tudo, tem sempre um dinheirinho no bolso e saúde”, revela Toinho, enquanto o pai retorna da Ceasa fazendo críticas aos serviços prestados pelos que negociam sua mercadoria.

Pioneiro na região é, também, Izidoro Uemia, outro nipônico acostumado a sofrer nas madrugadas frias da Vargem. A seu ver, o núcleo rural, apesar de não possuir boas terras, tem condições de se tornar um

grande produtor. “E só o governo dar condições”, admite.

Ele sonha com o título definitivo da terra, que dificilmente conseguirá, uma vez que a política da Fundação Zoobotânica se prende simplesmente ao arrendamento. “Com o título nós teríamos mais facilidade de acesso ao crédito bancário”, afirma, depois de reclamar da falta de incentivos para os gastos na agricultura.

Iniciativa que já melhoraria a vida dos produtores rurais, a meu ver, seria o financiamento para compra de material agrícola no Posto de Revenda local, que embora tenha preços abaixo dos praticados no Plano Piloto, não permite que seja feito crediário. “Acho isso errado. O produtor poderia muito bem comprar para pagar em 30 dias”, justifica.